

## **O relato biográfico de um indivíduo como perfil de vários: a imagem de uma pessoa como representação de um microcosmo social <sup>1</sup>**

**Carolina Stephany de Souza Cassoli<sup>2</sup>**  
Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, PB

**Glória de Lourdes Freire Rabay<sup>3</sup>**  
Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa, PB

### **Resumo**

Este artigo objetiva analisar as aplicações dos padrões narrativo biográficos ao longo do livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* (2018), da jornalista Adriana Negreiros. O trabalho delinea o cenário biográfico-literário no Brasil e seu envolvimento com o jornalismo, assim como apresenta a relação assumida na construção de biografias por jornalistas e o uso das fontes em biografias póstumas. O artigo também coloca em pauta a problemática de gênero que envolve a construção de narrativas tais quais a do objeto estudado e trabalha com questões como representatividade para traçar o panorama de uma parcela da sociedade; as outras mulheres envolvidas no cangaço. A partir da análise do livro com base nas relações que partem do biografismo no Brasil, entende-se que Maria Bonita, embora contraditória, é símbolo descritivo do viés feminino dentro do cangaço.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Biografias; Cangaço; Maria Bonita; Nordeste

### **Introdução**

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), do Instituto Pró-Livro, evidenciou que o período compreendido entre 2015 e 2019 foi positivo para o bloco biográfico das editorias literárias. Confrontando dados encontrados na terceira edição do estudo, veiculado em 2011, quando houve queda de 3%, os anos seguintes foram responsáveis pelo retorno do hábito de leitura de não-ficção dos brasileiros. Durante 2019, uma alta no mercado - de 8% para 9% -, gerou confiança, pois a procura crescente por não-ficção revela as mudanças na preferência dos leitores brasileiros e, por consequência, na propensão de consumo literário.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2 - Culturas Populares, Identidades e Cidadania da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [carol.cassoli@gmail.com](mailto:carol.cassoli@gmail.com)

<sup>3</sup> Jornalista. Doutora em Ciências Sociais (UFRN) e mestre em Sociologia (UFPB). Professora do curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: [gloria.rabay@gmail.com](mailto:gloria.rabay@gmail.com)

Lançado pelo selo Objetiva do Grupo Companhia das Letras<sup>4</sup>, em 2018, *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* faz parte da referida ascensão. Finalista do 4º Prêmio Rio de Literatura<sup>5</sup>, a biografia do maior nome feminino do cangaço se tornou expoente do universo biográfico e, dois anos após seu lançamento, finalizou 2020 entre os mil e quinhentos livros mais vendidos do país<sup>6</sup> na Amazon Brasil; empresa de e-commerce cujas ações cresceram 63,3% no primeiro semestre de 2020, segundo a Forbes. A obra destacou-se, ainda, como número um no ranking das biografias de criminosos mais vendidas e em décimo lugar na procura por biografias de mulheres.

Este artigo busca examinar os padrões narrativo biográficos utilizados ao longo do livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*. À vista disso, a análise se orienta a partir da crença de viés mitológico formada em torno de Maria Bonita e a transformação da figura em símbolo da presença feminina no cangaço. O proposto torna-se, então, relevante à medida que desvela o envolvimento jornalístico-biográfico com situações históricas e questões de gênero e representatividade.

O trabalho se sistematiza com base no estudo dos seguintes parâmetros: a relação biógrafa *versus* biografada e o nascimento do mito Maria Bonita, a estrutura narrativa adotada e, por fim, a escolha, apuração e emprego das fontes. Neste sentido, o embasamento surge dos estudos do biografismo e biografismo jornalístico brasileiro discutidos por autores como Werneck (2014), Pinsky (2008) e Vilas-Boas (2008). Ademais, desenvolvem-se questões subjetivas que permeiam a construção da obra estudada; tais quais: desenvolvimento da memória em Lévy (1993) e identidade cultural, pensada por Hall (2011).

### **Biografada-mito x biógrafa-jornalista**

Figura representativa no cenário histórico brasileiro entre as décadas de 1920 e 1930, a baiana Maria Gomes de Oliveira viveu no Povoado de Malhada da Caiçara até conhecer o cangaceiro Lampião, abandonar o esposo, se tornar a Rainha do Cangaço e ser brutalmente assassinada, aos 28 anos, junto a outros nove cangaceiros. Controversa, Maria Bonita (que viveu de 1910 a 1938) inspirou as mais diversas manifestações culturais através de representações do cangaço e da presença feminina dentro dele. Pioneira, Maria Bonita se

---

<sup>4</sup> <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=28000330>

<sup>5</sup> <https://cultural.cesgranrio.org.br/4o-premio-rio-de-literatura-divulga-finalistas/>

<sup>6</sup> Disponível em:

<[https://www.amazon.com.br/Maria-Bonita-vio%C3%A7a-mulheres-canga%C3%A7o/dp/8547000682/ref=zg\\_bs\\_7841744011\\_1?\\_encoding=UTF8&psc=1&refRID=TJFHBF98REK433SQ2TRH](https://www.amazon.com.br/Maria-Bonita-vio%C3%A7a-mulheres-canga%C3%A7o/dp/8547000682/ref=zg_bs_7841744011_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=TJFHBF98REK433SQ2TRH)> Acesso em: 30 dez. 2020.

tornou personagem e atingiu patamar de mito no cenário nacional; o que gerou inúmeras contradições nas narrativas sobre o banditismo no Brasil.

Motivada pelas histórias que turvam a vida - e morte - de Maria Gomes de Oliveira, a jornalista Adriana Negreiros decidiu dar vez à narrativa feminina dentro do cangaço. A identificação guiou a pesquisa de Adriana e a jornalista, de família nordestina, viu na primeira cangaceira do Brasil o retrato de uma mulher transgressora. Assim, movida, principalmente por questões de gênero, se envolveu por dois anos na construção de *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*:

Sempre tive muito interesse no cangaço. Sou nordestina, do Ceará. Minha família é de Mossoró, a única cidade que conseguiu expulsar Lampião. Isso foi um marco na história do cangaço e é lembrado até hoje.

Assim como muitas mulheres, eu estava vivendo a onda feminista. Minha geração está muito acostumada a ver homens no poder. Muita coisa foi naturalizada e agora estamos questionando. Quis contar a história do cangaço da perspectiva das mulheres. Lampião é uma figura exuberante, mas tinha um monte de mulheres que participaram do cangaço e que foram totalmente ignoradas (BBC, 2018)

Adriana Negreiros (2018), afirma que a cangaceira teve sua memória descaracterizada e recontada de maneira dúbia. Este cenário, qualificado pela autora como obscuro - que ora apresenta fragmentos fictícios, ora apresenta porções de realidade - semeou a versão que se dissipou pelo Brasil e foi responsável por moldar o imaginário popular. Ao apresentar o panorama histórico da época, Negreiros aponta não apenas o momento em que Maria Bonita está inscrita, mas indica, igualmente, a conjuntura social do período; há, a título de exemplo, a referência feita pela autora às imprecisões dos registros existentes sobre o cangaço (e a presença de Maria Bonita nele):

Esse obscurecimento não impediu que, por outro lado, Maria Bonita fosse ganhando ares de mito depois de sua morte. A lacuna de informações sobre a vida não apenas dela, mas também dos outros cerca de quarenta jovens do bando - bem como as entrevistas em que repórteres ávidos por boas manchetes estimulavam o espírito inventivo de suas fontes, notadamente ex-cangaceiros -, contribuiu para que se criasse a fantasia de uma impetuosa guerreira, hábil amazona do sertão, uma Joana d'Arc da caatinga. Perpetuou-se a falsa ideia de que, no cangaço, homens e mulheres tinham direitos iguais. Produziu-se um sem-número de versões sobre sua existência bravia, disseminadas pela literatura de cordel, pelos livros e pela televisão. Essa versão romântica e justiceira de Maria Bonita, rapidamente apropriada pela indústria cultural, tornou-se um produto de forte apelo comercial - e expandiu seus limites para muito além das fronteiras do sertão (NEGREIROS, 2018, p.13).

Nota-se, portanto, como a protagonista de *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* tem atribuída a si a simbologia mítica de heroína, bem como, aos poucos, se torna produto cultural. Os estudos de Pierre Lévy (1993) em informação, permitem compreender o

processo pelo qual a história de Maria Bonita passou. Ademais, seus estudos sobre memória comprovam o que Negreiros (2018, p.13) apresenta sobre a versão “justiceira” da protagonista ser de interesse da indústria cultural.

O autor entende que, durante a construção de um mito, a memória exerce papel significativo. A memória é um componente importante da História, não apenas para escrevê-la, mas para viabilizá-la. A humanidade, sem memória, não evolui. Sem sua propagação, no entanto, a memória não possui o mínimo valor. Deste modo, para que a memória torne-se informação, a linguagem assume papel de extrema relevância como instrumento difusor. A linguagem cristaliza a história em História. Ela possibilita uma relação de permanência em que é possível determinar acontecimentos, ou como Lévy (1993, p.43) posiciona, “produzir e modular o tempo”, tornando os episódios irreversíveis; isto é, fazendo deles fatos. A sociedade é vista, neste contexto, como uma configuração heterogênea de convívio. Logo, em todo seu ecletismo, carrega consigo - e constrói também - diferentes pesos, medidas e ritmos de inscrição na História.

Sob este enquadramento, a evolução da linguagem é categorizada pelo autor a partir da oralidade da seguinte maneira: oralidade primária e oralidade secundária. Neste caso, a primeira diz respeito ao que se conhece, muitas vezes como “cultura oral”; em que um povo transmite seus costumes, seus valores, suas histórias e também sua História pelo instrumento vocal e auditivo. Já a oralidade secundária desvenda a importância do registro escrito e carrega a responsabilidade da cristalização, da - já tratada aqui - permanência. A visão primária de oralidade, no entanto, interpõe-se antes da oralidade secundária e, conseqüentemente, antes do registro escrito e da noção do impacto social que o mesmo tem.

Lévy, na referida obra, expõe que, de acordo com a abordagem cognitiva da psicologia, o ser humano possui diferentes memórias com aspectos distintos. Estas são conhecidas como memória de curto e longo prazo; em que uma assume função instantânea, enquanto a outra acompanha as pessoas em suas rotinas. Segundo ele, considerando a natureza da psique e a análise cognitivo-psicológica, é possível entender que a mente trabalha através de associações e esquemas organizacionais do que é prioritário. Ora, se uma associação é recorrente na esquematização sensorial, então o fato retratado tem, de alguma maneira, importância; logo, torna-se memória.

A relação anteriormente apresentada influi também na maneira com que a memória se forma e em como o envolvido se lembrará daquilo. Isso promove o armazenamento sensível de informações - de maneira parcial e afetada, propiciando as chamadas “distorções”. Esta conjuntura leva a crer que a memória se forma através de conexões e quanto mais fortes estas,

maior seu resultado naquela. Assim mesmo explica-se a transmissão oral da memória e sua perpetuação nos povos que estão amplamente envolvidos como sujeito das narrativas descritas nestes casos. Tudo é questão de codificar e decodificar essas narrativas. Assim, segundo Lévy, por exemplo, nascem as representações necessárias à manutenção do imaginário social (e popular); estas chamadas de mito.

O mito torna-se, então, não apenas método de representação e fixação na memória, mas também se desloca através do tempo levando consigo os valores, pensamentos e circunstâncias de uma época. Tal característica de atravessamento temporal converte o mito em uma ferramenta comunicacional tão relevante quanto quaisquer outras que não assumam a mesma simbologia social. Lévy (1993, p. 50) coloca ainda que “não há, portanto, como opor um ‘pensamento mágico’ ou ‘selvagem’ a um pensamento ‘objetivo’ ou ‘racional’”. O autor leva a crer que não há maneiras de registrar algo na memória, senão ampliando este de um evento pequeno e singular a algo maior e, de certa forma, corriqueiro.

Mônica Martinez (2008) entende a representação mitológica como uma narrativa simbólica, fruto de leituras sensíveis e metafóricas da realidade. Esta ambiência narrativa culmina em um processo no qual o presente é um desdobramento do passado e a jornada da vida nada mais é que uma história humanizada.

Esta visão é capaz de justificar a inscrição de Maria Bonita como figura fantástica do imaginário popular, a partir da qual, torna-se sinédoque do cangaço; deixa de representar apenas uma parte (ou seja, a si mesma) e passa a representar o todo (neste caso, todas as mulheres inseridas no cangaço).

### **A elaboração narrativa**

Com relação ao biografismo no Brasil, Vilas-Boas (2003) salienta que uma biografia focaliza em uma personalidade individual. Luca e Pinsky (2008) observam, já no início do século XX, a presença de reflexões abstratas (tais quais a generalização do termo “jornal” apenas como periódicos diários) no editorial biográfico e destacam, ainda, a posição que o jornalismo assumia em relação às experiências proporcionadas pela apuração de relatos de histórias de vida. Não obstante as observações, as autoras atentam, ainda, para as nuances existentes entre a escrita jornalística e a escrita literária - e, principalmente, a escrita jornalístico-literária, estudo recorrente de Flora Süssekind (1987, p. 93) - que se refere aos jornalistas escritores como “homens sanduíches”:

Ainda que os literatos tendessem a separar o que consideravam ‘as obras’ do ‘trabalho para a imprensa’, tido como algo menor, a pesquisadora Flora Süssekind evidenciou como a convivência com os ‘modernos meios de reprodução, impressão e difusão coletiva de imagens técnicas, textos, vozes e reclames’ vincaram ‘na técnica e na sensibilidade literária, novas formas de compreender o tempo, o personagem, a narração, a subjetividade’. Ou seja, as exigências diárias de produzir em consonância com os ditames impostos por jornais e revistas deixaram suas marcas no processo de escritura desses que foram chamados pela autora de ‘homens sanduíches’ (SÜSSEKIND, 1987, p. 93 apud LUCA; PINSKY, 2008, p.124, grifo nosso).

De unânime valor intelectual e mercadológico, segundo Werneck e Fukelman (2014, p. 18 - 19), o gênero biográfico destacou-se, durante as décadas de 30 e 40, por edificar um projeto de forja de “identidades formadoras de nacionalidade e da inteligência brasileiras”. As autoras ressaltam ainda que, décadas depois, as biografias passaram a atuar, por meio de jornalistas-literatos, na construção de narrativas notórias e reconhecimento no âmbito artístico.

Isso posto, Vilas-Boas (2008) destaca que, embora a construção de narrativas seja intelectualmente valorizada, há, ainda, uma parcela da narrativa que remete ao envolvimento. Isto porque, as biografias não falam apenas sobre uma pessoa, mas tratam, igualmente, de quem conta a história daquela pessoa. Sob a perspectiva de Vilas-Boas nesta obra, escrever uma biografia é conhecer a história de vida de alguém; saber sobre esse indivíduo e as inúmeras situações que o cercaram, desde localidades, particularidades a contextos históricos mais amplos. Assim, o autor incita a reflexão sobre a subjetividade que permeia a narrativa biográfica no que tange ao envolvimento do biógrafo e propõe (2008, p.24) que “nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes durante anos, e não ser tocado por essa experiência.”

Ainda sobre a relação que o biógrafo assume ao apropriar-se da narrativa da história de vida de outrem, Vilas-Boas (2008, p. 31 - 34) reitera que “as vidas e as obras (do biógrafo e do biografado), em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura - a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias”. E complementa, então, que a pesquisa gera uma conexão capaz de atuar como plano autobiográfico. Assim, nasce uma espécie de “metabiografia”, nas palavras do autor, em que uma biografia se esconde em outra; neste caso, a do biógrafo na do biografado.

Neste contexto, é legítima a inserção dos Estudos Culturais e os aspectos identitários por eles evidenciados, em que Hall (2011) apresenta três tipos de sujeito que se identificam à luz do Iluminismo, do raciocínio sociológico e da pós-modernidade; onde há a subdivisão do

processo de identificação. Enquanto o sujeito relacionado ao iluminismo imaginava-se totalmente racional e o sujeito sociológico negava a autossuficiência, o sujeito pós-moderno encontra-se segmentado entre várias identidades. Se outrora a identidade agia como um norte ao ser - mantendo-o estável -, atualmente, as identidades podem se contradizer, negar e até mesmo deliberar. Este movimento transitório é entendido por Hall (2011, p.12) como um recurso mutável, em que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

Uma das associações identitárias presentes em *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* é espontaneamente colocada no início do texto. De natureza geográfica, a descrição do terreno onde Maria Bonita vivera transmite não apenas a imagem do lugar onde a narradora se encontra, mas reafirma a dimensão cultural que a paisagem atinge na narrativa. “A estradinha de areia vermelha que, depois de catorze quilômetros, entrega o visitante na casa onde Maria Bonita nasceu e cresceu, em Malhada da Caiçara, na Bahia, é ladeada por três espécies de cactos típicos da caatinga: mandacaru, facheiro e xiquexique” (NEGREIROS, 2018, p. 11). Para além das questões geoespaciais, Jasmin (2006), conceitua o sertão nordestino de modo que o espaço físico, econômico e social criou um ambiente propício à origem e fortalecimento do cangaço:

Essa região tão particular do Nordeste brasileiro tem características geográficas, socioeconômicas, históricas e políticas próprias que não são estranhas à gênese de fenômenos como o cangaço. O sertão é, ao mesmo tempo, um espaço geográfico, um território percebido como impenetrável e também *um lugar imaginário que se construiu no decorrer dos séculos em função dos olhares que sobre ele se lançaram* (JASMIN, 2006, p.12)

Para além, a autora atribui certo dimensionamento metafórico, alegórico e representativo à simbologia social do sertão enquanto espaço geográfico físico, mas também intangível:

É um território cujas limitações geográficas se modificaram com o correr do tempo, como se essa região se construísse e se elaborasse sem cessar. Sertão quer dizer grande deserto (‘desertão’) no sentido próprio e no sentido figurado, mas também terras interiores. O termo sertão é tão pouco preciso que alguns dicionários definem como ‘terra longínqua’. Durante muito tempo seus limites territoriais foram pouco claros. o sertão se definia primeiro como uma zona ‘interior’, e depois passou a ser visto negativamente como o duplo invertido da região litorânea do Nordeste: zona árida, pouco povoada, assolada pela miséria e pela seca, exposta à violência, ao banditismo, à injustiça, ao fanatismo religioso - um outro mundo, com outros códigos, sem meios de comunicação, isolado da civilização. [...] *Nas representações o sertão tem, portanto, uma dupla identidade: região atrasada, de cultura arcaica, e ao mesmo tempo memória viva [...]*” (JASMIN, 2006, p.12, grifo nosso)

Em contrapartida à identificação gerada por associações inerentes ao nordeste brasileiro, ao cangaço e à região onde o mesmo transcorreu, nota-se a crescente do cangaço

como produto cultural - já apontado por Negreiros (2018). Neste caso, o cangaço - e, especificamente, o casal composto por Maria Bonita e Lampião - assumiu ares de símbolo representativo de um povo: o nordestino. Assim, o cangaço deixou de ser visto apenas como expressão do banditismo no nordeste e passou a ser entendido como representação de força e empoderamento. “Maria Bonita virou nome de grife de moda, música, centenas de pousadas e restaurantes espalhados pelo Nordeste, salões de beleza, academias de ginástica, cerveja, pizza, assentamento rural, bandas de forró e coletivo feminista. Transformou-se numa marca poderosa.” (2018, p. 16)

Na reportagem “*Maria Bonita não é ícone feminista, mas é pop*”, do Jornal El País (2018), retrata-se outro aspecto importante da representatividade que permeia a identificação cultural gerada por Maria Bonita enquanto produto “pop”: a discussão e problematização de gêneros.

Maria Bonita, que hoje é ícone da liberação das mulheres e dá nome a diversos coletivos feministas, era, sim, uma ‘transgressora’, defende Negreiros. No sertão dos anos 1920, casada, infeliz com um marido mulherengo e sexualmente insatisfeita, ela se refugiava na casa dos pais e, em vez de chorar pelos cantos, ia dançar no forró do povoado. Há indícios de que teria um amante. Quando conheceu Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), não duvidou em fugir com ele, tornando-se a primeira mulher a unir-se ao cangaço e uma das poucas em fazê-lo de livre e espontânea vontade (OLIVEIRA, 2018).

Tendo-se compreendido a dimensão própria e subjetiva que transpõe a narrativa biográfica de Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço, é possível atingir o valor atribuível ao emprego das fontes.

### **A obra e o uso das fontes**

Em acessível definição, do Dicionário Cambridge (2018), entende-se por biografia a “narração das etapas da vida de uma pessoa”. O campo biográfico se estende, contudo, de maneira abundante no que diz respeito às tipologias de explanação e relato. As diferentes possibilidades narrativas perpassam comentários sobre a trajetória de vida de um indivíduo e podem se direcionar ao “mergulho na alma” do, então, personagem biografado (BORGES; PINSKY, 2008). De acordo com Borges e Pinsky (2008), existem três tipos de biografias, a partir dos efeitos pretendidos e da intensidade da composição:

O artigo de dicionário biográfico: um breve resumo da vida de uma pessoa pública, por vezes famosa; a monografia de circunstância: elogios fúnebres ou ligados a uma circunstância particular (breves, muitas vezes presentes na imprensa escrita); a biografia dita ‘científica’ ou dita ‘literária’: obras mais importantes, com preferência



narrativa e finalidade histórica, que trabalham com documentação numerosa e variada. [...] (BORGES; PINSKY, 2008, p. 213).

Analisando com base nos três critérios propostos pelas autoras, o livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* se molda ao terceiro aspecto: biografia científico-literária. Neste sentido, verifica-se, na obra, o amplo uso de relatos históricos, alicerçados em fontes documentais e pesquisas de campo. A adesão destes procedimentos de apuração de informações confirma-se através do profuso registro de referências disponibilizado no fim do livro, em integração aos elementos pós-textuais, ao longo de vinte e nove páginas; em que se encontram a breve transcrição da experiência de construção da obra, bem como as fontes, notas, referências das imagens utilizadas e o índice remissivo do conteúdo publicado. Neste contexto, é necessário que a responsável pela elaboração do livro, Adriana Negreiros, seja lida e entendida não apenas como jornalista, escritora e/ou biógrafa, mas também como historiadora; uma vez que o trabalho de pesquisa realizado pela mesma envolveu a apuração de fontes das mais distintas naturezas e procedências.

Cabe avivar, além do mais, que, ao longo da revisão bibliográfica, Negreiros observou incoerências no discurso propagado com o decorrer do tempo acerca da vida de Maria Bonita e Lampião. Parte destas análises surgiram do conteúdo de periódicos da época, mas também nasceram de biografias e outras fontes. Negreiros nota que tanto o pesquisador Billy Jaynes Chandler (2003) quanto o jornalista Melchiades da Rocha (1988), no momento da construção de seus livros biográficos, relatam a morte de *Maria de Déa* como algo muito menos fantasioso que o propagado com os anos: Maria foi ferida à bala no ventre, viu Lampião ser degolado, implorou pela vida sob a justificativa de ter uma filha ainda pequena para criar e foi, em seguida, decapitada ainda viva. A despeito do ocorrido tem-se, ainda, que:

O [corpo] de Maria seria abandonado com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina. Um detalhe chamaria a atenção de um soldado condoído que se demorara observando-lhe os restos mortais. Sua mão direita, pálida, escapando do vestido. “É uma louça essa mãozinha”, observou o homem. Quando Maria Gomes de Oliveira morreu, nasceu Maria Bonita (NEGREIROS, 2018, p. 235).

A passagem contraria os contos de amor romântico popularizados a despeito da morte do casal, muitos dos quais relatam súplicas de Maria pela vida do parceiro e vice-versa. Neste contexto, Maria teria suplicado pela benevolência dos policiais para com Lampião; o que, historicamente, não se comprovou. Histórias do gênero, entretanto, continuaram tendo ampla divulgação - até mesmo em ambientes de pesquisa.

O ataque durou uns vinte minutos, e poucos conseguiram escapar ao cerco e à morte. Lampião fora ferido gravemente e, logo em seguida, o mesmo ocorreu com Maria

Bonita. Ainda assim, ela rastejou até o companheiro (que ainda respirava) e pediu para ele ser poupado. Mas, suas preces foram inúteis (VAINSENER, c2020)

A autora enfatiza o apego ao vocativo Maria Bonita como ato póstumo a sua morte, uma vez que, aponta e referencia (2018, p. 239; 240) em *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*, os possíveis momentos em que surgiu a antonomásia (que futuramente seria mais conhecida que seu próprio nome de batismo). Em resumo, há duas perspectivas prováveis: uma delas relata que o apelido manifestou-se nas redações de periódicos do Rio de Janeiro (antes mesmo da morte do bando) em associação à protagonista do romance Maria Bonita escrito por Afrânio Peixoto (1985). Outra possibilidade é a de que o epíteto apareceu no próprio dia 28 de julho (quando o confronto que levou à morte de Maria e Lampião ocorreu) e foi conferido por soldados e personalidades políticas presentes. Em qualquer um dos casos, Maria de Déa jamais fora registrada como Maria Bonita antes de sua morte, ao contrário do ideal genericamente difundido.

Independentemente de como tenha sido, realmente, aquela troca de energias, fato é que a atração entre eles foi imediata e recíproca: o cangaceiro caiu de amores por Maria Déia e vice-versa. *Impressionado por sua beleza, passou a chamá-la de Maria Bonita*. E, ao invés de ficar três dias na fazenda, como era de praxe, permaneceu dez, vivenciando com a esposa de Zé do Neném um tórrido romance (VAINSENER, c2020, grifo nosso)

Em um telegrama enviado pelo tenente João Bezerra (integrante da tropa que dizimou o bando de Lampião) ao coronel Teodoreto Camargo do Nascimento, houve a menção de Maria Gomes de Oliveira como Maria Bonita pela primeira vez (em um documento catalogado e oficial). No que diz respeito ao ocorrido, Adriana Negreiros comenta:

[...] João Bezerra produziria, ali, um dos mais importantes documentos da história do cangaço. Não apenas por informar oficialmente a surpreendente morte de Virgulino Ferreira da Silva, mas por tratar sua mulher, pela primeira vez em registro, pela maneira como seria eternizada: Maria Bonita (NEGREIROS, 2018, p. 240).

Existem, de mesmo modo, outros contrassensos desmentidos direta ou indiretamente por Negreiros ao longo da narrativa biográfica de *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*. Exemplo semelhante aos anteriores - mas de caráter ideológico - se resume à associação de Maria Bonita a uma figura ligada à revolução feminista. Vainsencher (c2020) põe que “A partir daí, outras mulheres também entraram para o cangaço. Seria uma verdadeira revolução feminista, uma vez que se emanciparam e impuseram respeito” Estes comentários inconsistentes corroboram para a compreensão da pesquisa bibliográfica e escolha das fontes na construção biográfica, reiterando sua relevância.

### **Maria, Dadá e o microcosmo das (outras) mulheres do cangaço**

Ante a escolha das fontes e a priorização da óptica feminina no banditismo entre as décadas de 1920 e 1930, viabiliza-se a discussão - previamente estabelecida - que envolve o nome de Maria Bonita como máxima representação das mulheres cangaceiras. Neste caso, a partir da enunciação de Maria como símbolo feminino no cangaço, pressupõe-se o trato similar de todas as mulheres envolvidas nos bandos. Em verdade, Maria Bonita, por ser companheira de Lampião - mais conhecido cangaceiro do Brasil -, recebia tratamentos especiais, distintos da realidade vivenciada por outras.

A partir da trajetória de Maria de Déa, mais conhecida como Maria Bonita e popularizada como a cangaceira destemida, a mulher de Lampião, símbolo máximo do cangaço, Adriana [Negreiros] traça um perfil nada glamouroso de personagens menos notórias dessa história, como Dadá, Inacinha e Maria Jovina. Ela acaba por nos revelar, assim, uma realidade bastante complexa sobre o papel feminino no cangaço, um tema popular, porém muitas vezes mal compreendido. São histórias trágicas de mulheres violentadas, desrespeitadas e brutalizadas, que em nada se assemelham à imagem cristalizada de guerreiras representantes de uma espécie de profeminismo. A perspectiva feminina e a violência contra a mulher é, aliás, um ponto de vista central na escrita da autora [...] (AGÊNCIA RIFF, 2018)

Questões inerentes à consciência política ou de gênero são apontadas por Negreiros como discussões inexistentes dentro dos bandos (e isso circunscrevia até mesmo as ações de Maria Bonita). Neste quadro, surgem, na narrativa de *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*, outras personagens que recebem destaque a partir de sua participação como companheiras dos cangaceiros. Uma delas, de grande valor narrativo e protagonismo enquanto fonte, é Dadá - já citada anteriormente. Dadá é peça indispensável na construção da história das mulheres no cangaço, porque - enquanto sobrevivente - pôde construir sua versão da história, ainda que com descrédito dos ouvintes.

Incontáveis vezes, li e ouvi autores colocarem em dúvida as narrativas dessas mulheres sobre o próprio ingresso no cangaço. Embora não houvesse completado treze anos quando entrou no bando, Dadá foi muitas vezes taxada de “exagerada” ao dar detalhes sobre o rapto e estupro perpetrados por Corisco. Sobre Sila, raptada por Zé Sereno aos onze, há interpretações segundo as quais ela o teria acompanhado “porque quis” (NEGREIROS, 2018, p. 249).

Desta forma, é difícil não atingir a dimensão pessoal incutida por Negreiros no processo de elaboração do livro. A autora, embora trate da história de sua protagonista, não ignora a existência (e dissemelhança) das demais personagens. Percebe-se que Adriana Negreiros possui noção das diferenças que distanciam a vida de Maria das outras. Essa

relação transcende a empatia por si só e alcança aspecto de sororidade; demonstrando afeto e respeito pelas vivências individuais de cada uma delas.

Empatia é a base da reflexividade. [...] Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a permanente tentativa de o pesquisador sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo outro. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, e refletir sobre situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS-BOAS, 2008, p. 33).

Sobre esta situação, Vilas-Boas (2008, p. 69) afirma que a empatia deve agir como norteador da pesquisa biográfica. Para ele, “humanizar é ter atitude humanista”. Ao dizer isso, o autor encoraja narrativas como a de Negreiros, em que o ponto de vista e as vozes de outros envolvidos são ouvidas com caráter genuíno. A autora de *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço opina* (2018, p. 250) que suspeitar das traduções femininas do cangaço é adotar um padrão lógico muito comum na sociedade contemporânea: a reprovação e desqualificação de posições de mulheres vítimas de violência. Duvidar destas mulheres seria, portanto, corroborar para a perpetuação de idiosincrasias opressoras pautadas na culpa feminina e na justificativa a partir da acusação de características individuais femininas.

Embora tenha feito uso constante do ceticismo indissociável da prática jornalística, *em nenhum momento me permiti duvidar das versões apresentadas* por Dadá, Sila, Inacinha, Otilia e tantas outras que foram obrigadas a largar suas famílias para se tornarem cangaceiras. Não compreendo como se possa conceber que crianças ainda às voltas com bonecas escolhessem viver ao relento, subjugadas por homens extremamente violentos, submetidas a fome, sede e risco constante de morte (NEGREIROS, 2018, p. 249 grifo nosso)

Negreiros percebe, ainda, que a escolha de Maria Bonita como símbolo está mais imbricada com sua posição de pioneirismo no cangaço do que com sua história, de fato. Essa relação é perceptível a partir do momento em que Dadá tem a possibilidade de recontar sua história e, ainda assim, não atinge reconhecimento nas dimensões que Maria Bonita, já morta, recebe. A autora se auto enquadra em uma posição já ocupada por outros: a de narradora de uma história sem relatos ou registros pessoais da protagonista. Esta situação, segundo a autora, não diminui, no entanto, a importância da história, tampouco a magnitude da representação proporcionada por Maria Bonita; seja em termos sócio culturais, observados até hoje ou em condição relacionada à estereotipificação de mulheres adjacentes ao cangaço.

Ao contrário de Dadá, esposa do cangaceiro Corisco, que morreria em 1994 e deixaria sua vida registrada em livros, filmes e centenas de entrevistas para rádios, jornais e televisão, a história de Maria Gomes de Oliveira é contada apenas por

terceiros. As lacunas em torno de sua trajetória, embora dificultem a reconstituição dos fatos, não diminuem sua influência (NEGREIROS, 2018, p. 16).

Inobstante o silenciamento histórico da vida das cangaceiras, não se pode negar a magnitude de Maria Bonita como representação, ainda que ínfima e romanceada, da presença feminina no cangaço. Negreiros (2018, p.16), portanto, resume Maria Bonita de maneira conclusiva, “múltiplas narrativas, à parte, Maria Bonita é, sem dúvidas, a mulher mais importante do cangaço.”

### **Considerações finais**

Dados os fatos e suas respectivas observações, verifica-se que a figura de Maria Bonita sofreu alterações em seu viés representativo com o decorrer do tempo, em virtude das mudanças no pensamento de reconhecimento identitária. Isto, proveniente da descentralização das identidades e da fragmentação dos sujeitos; que já não se reconhecem em apenas uma identidade fixa, sólida; mas sim em várias, fluídas.

No que tange à relação experimentada por Adriana Negreiros, enquanto jornalista e pesquisadora, nota-se que a autora se valeu de recursos técnicos (próprios do jornalismo, mas também das áreas de pesquisa histórica) e os uniu ao material por ela elaborado, com humanidade; o que gerou um produto orgânico e autêntico.

Com respeito às cangaceiras que integraram bandos, entende-se que Maria Bonita não representava, em vida, a experiência integral de suas companheiras. Isso porque, a abordagem para com ela sempre fora mais branda, uma vez que era companheira de Lampião. Há que se considerar, além disso, as contradições da suposição de que todas eram como Maria Bonita e que, principalmente, homens e mulheres eram iguais dentro do banditismo brasileiro. Entretanto, postumamente, Maria tornou-se – além de produto cultural – símbolo do microcosmo feminino do cangaço (ainda que de maneira deturpada).

O entendimento desta relação é facilitado por Adriana Negreiros à medida que a autora se vale – mesmo que de maneira inconsciente – de recursos discutidos no biografismo brasileiro para elaborar a estrutura narrativa. Para além, a técnica jornalística e a experiência na redação de histórias corroboraram para que a autora pudesse trabalhar na apuração de fontes e checagem de informações; o que, em certa medida, contribuiu para o já referido sucesso de Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço. Desta forma, os estudos biográficos como fonte de pesquisa ou objeto de estudo colaboraram de maneira ampla para a

feitura (e leitura) do livro; tornando-o outro agente de estudo possível na área de comunicação.

Depreende-se, portanto, que a biografia de Maria de Déa não deixa de ser, também, um perfil do cangaço ou, ainda, um perfil das mulheres no cangaço. Percebe-se, portanto, que Maria Bonita construiu-se como figura sobre um ideal mitológico que, por sua vez, é desmistificado com a contribuição de Negreiros. Entretanto, a figura valorativa e identitária não se esgota, pelo contrário, se reinventa. Ao deixar o papel outrora imaginado de feminista revolucionária Maria Bonita retorna à identidade nacional como transgressora. Sua representação não se pauta no banditismo ou na prática violenta do cangaço, mas está sob perspectiva de ícone ao representar a força feminina e a garra do nordestino. Reiterando, assim, sua força na identidade nacional.

## Referências

ADRIANA Negreiros. *In: AGÊNCIA Riff*. 2018. Disponível em: <<https://www.agenciariiff.com.br/autores/adriana-negreiros>>. Acesso em: 30 dez. 2020

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2006.

BIOGRAFIA. *In: DICIONÁRIO Cambridge Online*. **Cambridge University Press**. Cambridge. 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/biografia>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BORGES, Vavy P. **Grandezas e misérias da biografia**. *In: PINSKY, Carla (org.) et al.* Fontes Históricas. São Paulo: Ed. Contexto. 2008.

CHANDLER, Billy J. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2003

FAILLA, Zoara *et al.* **Retratos da Leitura no Brasil**. 4. ed. Instituto Pró-Livro. 2016. Disponível em: < [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

FAILLA, Zoara *et al.* **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. Instituto Pró-Livro. 2020. Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., 1. reimpr. Rio de Janeiro: DP&A. 2011.

JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão: Vidas e Mortes de um Cangaceiro**. São Paulo: Ed. USP. 2006.

LÉVY, Pierre LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993.

LUCA, Tania R. de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla (org.) *et al.* Fontes Históricas. São Paulo: Ed. Contexto. 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume. 2008.

NEGREIROS, Adriana. Maria Bonita foi uma mulher transgressora, mas passou longe de ser feminista, diz biógrafa da cangaceira. [Entrevista concedida a] Luiza Franco. BBC News Brasil, São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45304399>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: Sexo, violência e mulheres no cangaço. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

OLIVEIRA, Joana. Maria Bonita não é ícone feminista, mas é pop. **El País**. São Paulo, 26 jan. 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/actualidad/1537379793\\_101741.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/actualidad/1537379793_101741.html)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

PEIXOTO, Afrânio. **Maria Bonita**. Rio de Janeiro: Ediouro. 1985.

ROCHA, Melchiades da. **Bandoleiros das catingas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VAINSENER, Semira. **Maria Bonita**. Pesquisa Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

VEJA o crescimento da Amazon durante a pandemia em 5 números. In: FORBES. 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/negocios/2020/07/veja-o-crescimento-da-amazon-durante-a-pandemia-em-5-numeros/#foto2>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas de vida. São Paulo: ed. Unesp. 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus. 2003.

WERNECK, M. H. **Sobre a Biografia no Brasil**: historicidades e práticas de escrita. In: FUKELMAN, Clarisse (org.). *Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura*. Rio de Janeiro. Ed.UERJ. 2014.